

II Congresso Nacional Africanidades e Brasilidades  
4 a 6 de agosto de 2014  
Universidade Federal do Espírito Santo  
GT 01 – Africanidades e Brasilidades em Literaturas

**Frederico Matos Cabral e a Guiné-Bissau:  
entre as identidades local e diaspórica**

Guilherme Darisbo  
UFRGS/UFOP

Nesta comunicação, trato do trabalho de Frederico Matos Cabral – jovem escritor da Guiné-Bissau, hoje vivendo no Brasil –, mais especificamente de seu primeiro livro, “Komersa di Bissau”, escrito durante o processo de diáspora pessoal do autor.

Em um primeiro momento, busco relatos do processo de criação do livro, escrito por Frederico em meio a sua mudança e permanência de Bissau para o sul do Brasil, e que tomou forma final em um processo de parceria com um grupo de estudantes brasileiros. No segundo momento da comunicação, mapeio as implicações das peculiaridades deste processo sobre a identidade da – e na – obra, buscando questões possíveis para análise nesta comunicação e em estudos posteriores.

Frederico Cabral é nascido e criado na cidade de Bissau, filho de mãe da etnia papel e pai da etnia mancanha<sup>1</sup>. Escreveu os primeiros poemas durante o fim de seus estudos básicos<sup>2</sup>, ainda na capital da Guiné-Bissau. Inicialmente como forma de inserção no jogo social junto aos colegas, o autor segue de forma

---

1 Segundo entrevista gravada por Frederico Cabral em 15 de maio de 2014. Disponível em [www.antena.art.br/darisbo/komersa](http://www.antena.art.br/darisbo/komersa) .

2 Segundo entrevista gravada por Frederico Cabral em 23 de abril de 2014. Disponível em [www.antena.art.br/darisbo/komersa](http://www.antena.art.br/darisbo/komersa) .

diletante até um ponto de virada, no qual começa a se destacar no meio social e começa a ganhar premiações em concursos escolares de poesia. Sendo então estimulado por professores, recebe dos mesmos as primeiras orientações em técnica de escrita, tornando sua produção mais frequente e se tornando reconhecido no circuito de recitação em eventos escolares. Após o término de seus estudos secundários<sup>3</sup>, vem através de programa de intercâmbio realizar o curso superior na UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul –, onde se licencia em Ciências Sociais. Porém, por uma questão burocrática do intercâmbio, antes de conseguir vaga neste curso, há a necessidade de cursar dois semestres do curso de Letras, onde conhece o professor Paulo Seben, poeta e coordenador do Grupo de Pesquisa de Versificação Brasileira, desenvolvido junto a alunos da graduação.

Pouco tempo após sua transferência para o desejado curso de Ciências Sociais, Frederico mostra a Seben alguns dos poemas já escritos, pedindo opiniões. O professor, positivamente impressionado com o material apresentado, sugere que os poemas – e outros que houvesse – sejam apresentados e retrabalhados em conjunto com o grupo de estudos já citado.

Inicia aí um processo de reescrita, de arte-final da composição dos poemas. Questões de métrica, melopéia e ritmo, mudança de ordem de versos, retirada de uma imagem poética que destoasse do restante, algumas modificações pontuais na lapidação dos poemas. Porém, é interessante notar que, ainda que a posição do grupo sempre seja de respeitar a posição de autor de Frederico, tendo ele sempre a última palavra sobre a redação e forma dos poemas, este processo de parceria se instala entre um guineense relativamente recém-chegado ao Brasil e alguns brasileiros que sabem pouco ou nada sobre Guiné em particular ou sobre a África em geral. Para dar unidade à parceria, apenas a presença de todos em uma mesma universidade, uma língua em comum e o gosto pela poesia. Torna o processo um caso de estudo mais

---

3 O sistema educativo da Guiné-Bissau está estruturado em quatro níveis: o pré-escolar destinado às crianças dos 3 aos 6 anos, o ensino básico às crianças dos 7 aos 12 anos, o ensino secundário com uma duração de cinco anos e o ensino superior ainda em fase embrionária, funciona com a Faculdade de Direito.

interessante o fato de grande parte dos poemas ser escrito em kriol<sup>4</sup>, língua que em absoluto não é dominada pelos brasileiros do grupo, muitos não sabendo – até então – ao menos de sua existência.

Este trabalho de choque de idiomas, este trabalhar com poemas em língua desconhecida passa a ser, para o grupo de brasileiros, um trabalho com a matéria mais bruta da poesia: o som. Num retorno à voz falada, após a tentativa de leitura – salto no escuro – por Seben e seus alunos, Frederico declama, para que a melopéia e o ritmo sejam analisados. Professor e bolsistas sugerem – quando é o caso – mudanças baseados apenas na impressão auditiva da leitura. Depois a tradução para o português é apresentada, e o processo é permanentemente retomado. Se para os estudantes é desafiador, para o autor é prova de fogo: o teste final no qual o sentido textual e o sentido sensorial do poema têm de mostrar o seu valor, sem o apoio um do outro. Atravessando a *tour de force*, a autoria se mantém: todas<sup>5</sup> as modificações são decididas – ou assentidas – pelo escritor.

A compreensão por leitores/expectadores de outra cultura se faz necessária, pois ajuda também a este poeta na delimitação de perfis identitários: da obra, de seu trabalho e de si mesmo como autor: Nascido e criado na capital do país, filho de pais de etnias diferentes, Frederico é um representante da nova classe média urbana da Guiné-Bissau, talvez a primeira geração que se sinta confortável em dizer que se sente mais representante do país como um todo do que apenas de uma etnia específica. A questão de identidade nacional, portanto, é prioritária para este escritor e seus coetâneos: que é ser guineense de Guiné-Bissau, passados mais de quarenta anos da independência? Nesta preocupação identitária, o nacional emerge da experiência pessoal, se reconhecendo nas relações com o social. Além disto, ao migrar para o Brasil a esse elemento local é somado um diaspórico: o indivíduo reconhece e aprende as possíveis relações a respeito de seu país por outros que dele não fazem parte. Durante a realização do percurso relatado, o autor escreveu os poemas do livro parte em Bissau, parte no

---

4 Língua crioula da Guiné-Bissau. Nesta comunicação, optei pela grafia *kriol*, para marcar as especificidades da língua falada na Guiné-Bissau, não se tratando de línguas crioulas faladas em outros países africanos. Também não entro no mérito das variações linguísticas praticadas nas diferentes regiões do país.

5 Segundo entrevista gravada pelo professor Paulo Seben em 14 de abril de 2014. Disponível em [www.antena.art.br/darisbo/kombersa](http://www.antena.art.br/darisbo/kombersa).

Brasil; parte em kriol, parte em português, além da apresentação para análise e arte-finalização conjunta com brasileiros que seriam duplamente estrangeiros: tanto em nação como – na parte dos poemas escrita em kriol – também estrangeiros em língua. A escrita do livro, então, se torna retrato da trajetória de Frederico e da busca identitária da Guiné-Bissau.

Penso agora em possíveis implicações desse processo: Quais os limites do contato entre duas culturas diferentes dentro da mesma obra? Qual a compreensão necessária para interlocutores trabalharem sobre texto poético escrito em língua desconhecida – no caso, o kriol –? Quais influências de literatura brasileira podem ser reconhecidas no trabalho referido e, destas, quais existiam antes e quais foram agregadas durante o processo de formatação de poemas e livro? Em que medida ser guineense influencia o trabalho do autor e – mais além –, para Cabral, o que representa esta nacionalidade para quem está vivendo na diáspora? Qual o projeto – e desejo – de compreensão do livro pelo público, e qual público?

Uma chave para a compreensão do sucesso deste confronto improvável de perspectivas entre o poeta africano e os estudantes brasileiros – chave esta que talvez torne possível enxergar este processo atípico como algo bastante natural – é que toda a tensão do entrelaçamento de culturas já é anunciada no livro e na formação de Frederico: em *Kombersa de Bissau*, há poemas tanto em kriol como em português. Mas há, nestes, poemas em português nos quais aparecem palavras em kriol em seu interior – como *Que Mundo* (com trechos como “Nunde a escola é tchamidur”, “Nunde o dudu é dutur”<sup>6</sup>) – e há poemas integralmente em português, porém com título em kriol – como *N'Kumbidau*, *Nha Sunhu* e *Forsa di Inimigu*<sup>7</sup> –. Após gerações, o trânsito entre diferentes códigos se coloca como elemento onipresente: Bissau tem, na prática, uma língua escrita e outra falada; e mesmo dentro dos espaços em que a língua portuguesa prepondera, esse duplo código se mantém: em uma sala de aula se fala português, mas no pátio do mesmo colégio se fala kriol; os telejornais são narrados em português, mas as entrevistas do mesmo programa são em kriol. Esta necessidade/possibilidade de

---

6 “onde a escola é bêbada”, “onde o doido é doutor”.

7 Te Convido, Meu Sonho e Força do Inimigo.

“trocar de programação” – expressão usada pelo próprio Frederico –, que talvez seja o fundamento da cultura urbana do país, é também representada na própria pessoa do nosso autor. Filho de pais de etnias diferentes, viveu toda a vida na capital – o maior centro urbano do país, no qual as características dos grupos étnicos tomam uma importância menor –, com pleno acesso ao português como língua escrita e pleno uso do crioulo como língua falada.

A própria língua crioula<sup>8</sup> é sintoma, símbolo e caminho desta identidade dupla: durante a fruição e reescrita dos poemas, os bolsistas – estrangeiros para a língua – foram percebendo, a partir de semelhanças morfológicas, a raiz portuguesa do crioulo. No fim do mês e meio de duração do processo, todos estes já sabiam um punhado de palavras e alguns deles conseguiam utilizar duas ou três frases. A definição de uma identidade nacional para a Guiné-Bissau, para Frederico Cabral, passa obrigatoriamente pela valorização da língua, pelo aumento das publicações a utilizando como língua escrita, por uma possível adoção como língua co-oficial – ou oficial – do país.

Esta busca identitária, o ser guineense, é a questão fulcral para Frederico, que sintomaticamente cita como maior influência o herói da pátria Amílcar Cabral – sem parentesco, apesar do sobrenome – mas espera que, com tomada de consciência da potencial cidadania pela população do país, ainda que se mantenham as conquistas sociais da luta pela independência, seja desenvolvido um novo modelo de crítica que leve a um contrato social efetivo para Guiné-Bissau. O poeta é incisivo em declarar sua opção de público pelas classes baixas, pelas tabancas, em oposição às elites corruptas do país africano. De qualquer forma, o duplo código se insinua, explicitando as contradições: em suas declarações, deixa claro que o caminho para essa compreensão pelas tabancas seriam os poemas escritos em crioulo. Porém, os poemas em crioulo são minoria (25%) no livro. O suporte impresso tem dificuldades de difusão em meio aos 45% de analfabetos no país (chegando a 60% na população feminina). E o livro, editado no Brasil, tem poucas cópias distribuídas no outro lado do Atlântico. Pergunto em qual medida ainda é um escritor guineense – exclusivamente

---

8 *Crioula*, neste caso, é adjetivo. Para citar especificamente a língua falada na Guiné-Bissau, uso a palavra *kriol*, como já relatado em nota anterior.

guineense, e não pretendo com isto dizer que não seja – e em qual medida esse caráter diaspórico se coloca, por sua vivência brasileira. No exterior, o autor analisado se torna em algo bastante além de um simples nacionalista.

“Sou fruto do intercâmbio”, Frederico declara<sup>9</sup> em uma das entrevistas gravadas. Apesar da intenção inicial de voltar à seu país de origem tão pronto acabasse a graduação, após os anos de vivência brasileira, para sua surpresa, se percebe transformado: assume sua permanente saudade independente de qual lado do oceano se encontre, inicia um processo de permanente comparação, cruzando aspectos positivos e negativos de ambas sociedades. Uma nova camada da dupla consciência se adiciona, “Indo para o silêncio / Do horizonte. / O que eu vejo, / É um só mundo /Feito de homens-passarinho”<sup>10</sup>.

---

9 Segundo entrevista gravada por Frederico Cabral em 23 de abril de 2014. Disponível em [www.antena.art.br/darisbo/kombersa](http://www.antena.art.br/darisbo/kombersa).

10 Do poema “Quando vejo o céu à noite”. CABRAL, Frederico Matos; *Kombersa di Bissau*. Porto Alegre: CIBAI p. 18.